



GIGANTES DO BOSQUE

Árvores do Parque Municipal do Morro de São Bento





Parque Municipal do Morro de São Bento



PARQUE MUNICIPAL DO MORRO DE SÃO BENTO







PARQUE MUNICIPAL DO MORRO DE SÃO BENTO

- ❑ Bosque e Zoológico Fábio Barreto

- ❑ Complexo Esportivo "Elba de Pádua Lima - Tim"

- ❑ Complexo Cultural Prof. Antônio Palocci:
 - Teatro Municipal
 - Teatro de Arena "Jaime Zeiger"
 - Casa da Cultura "Juscelino Kubitscheck de Oliveira"
 - Praça Alto do São Bento

Os tipos de floresta

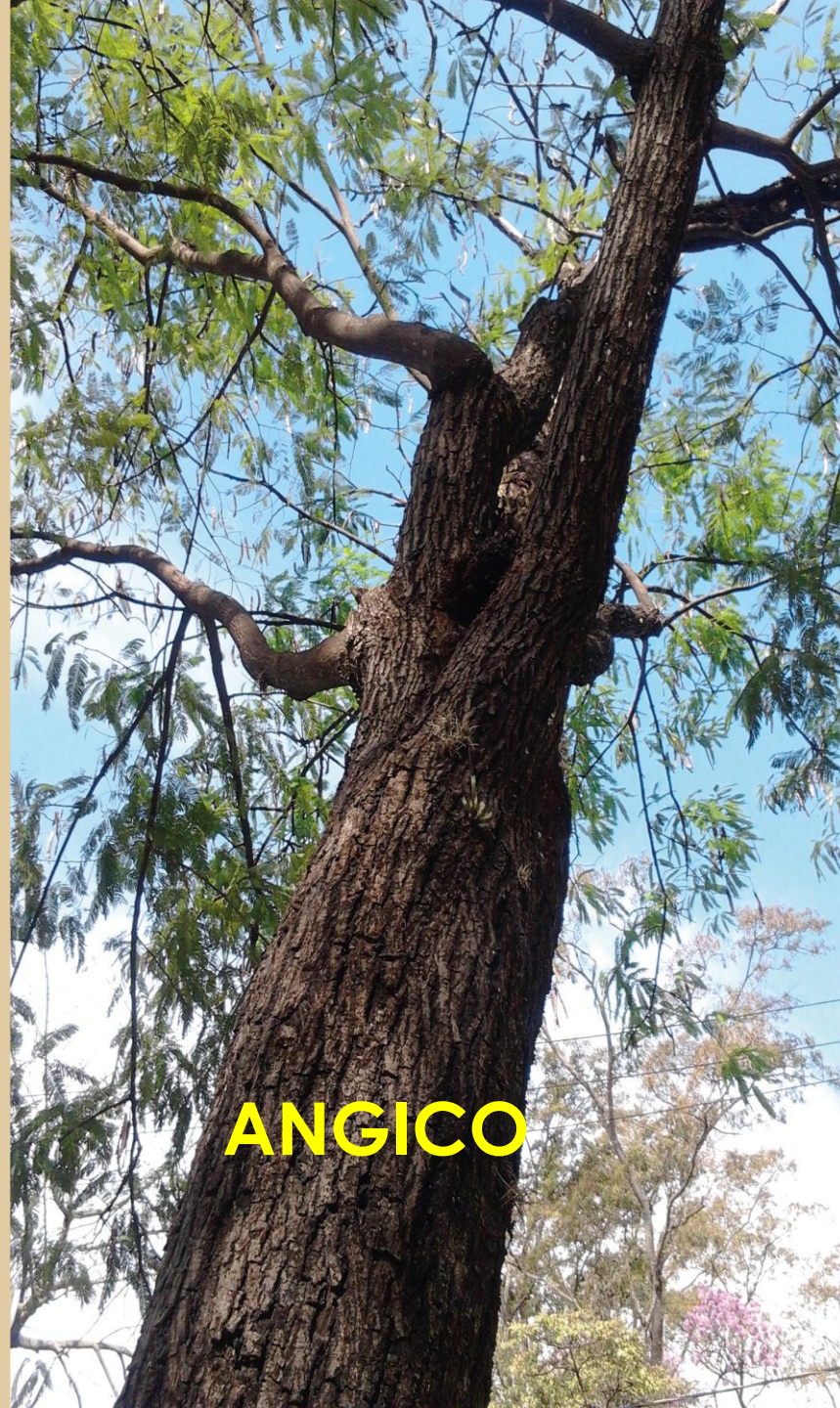








AROEIRA



ANGICO



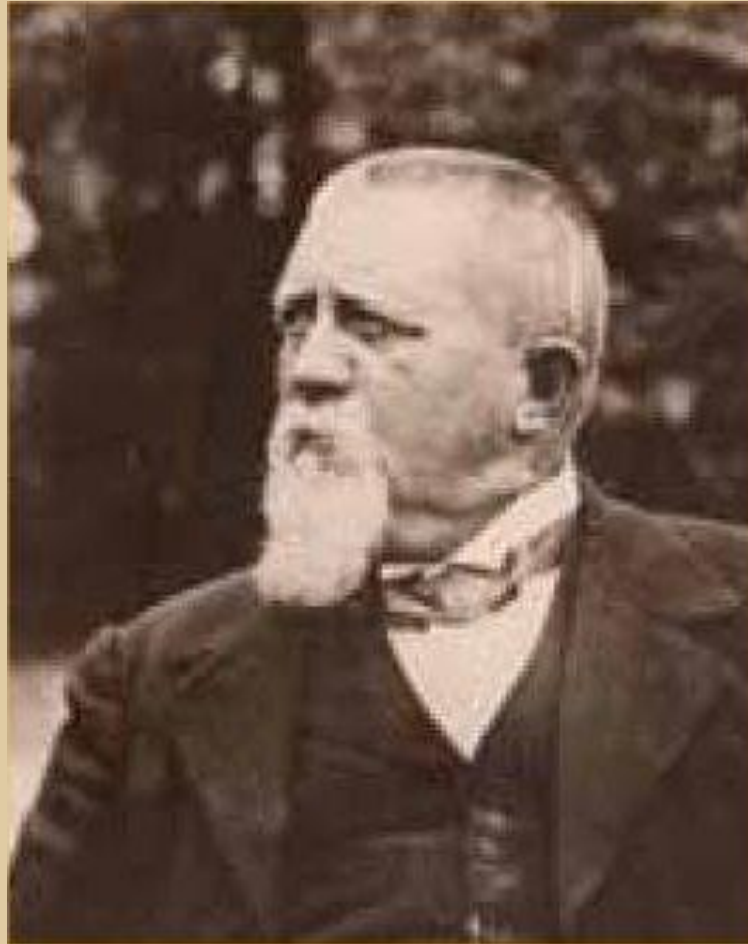




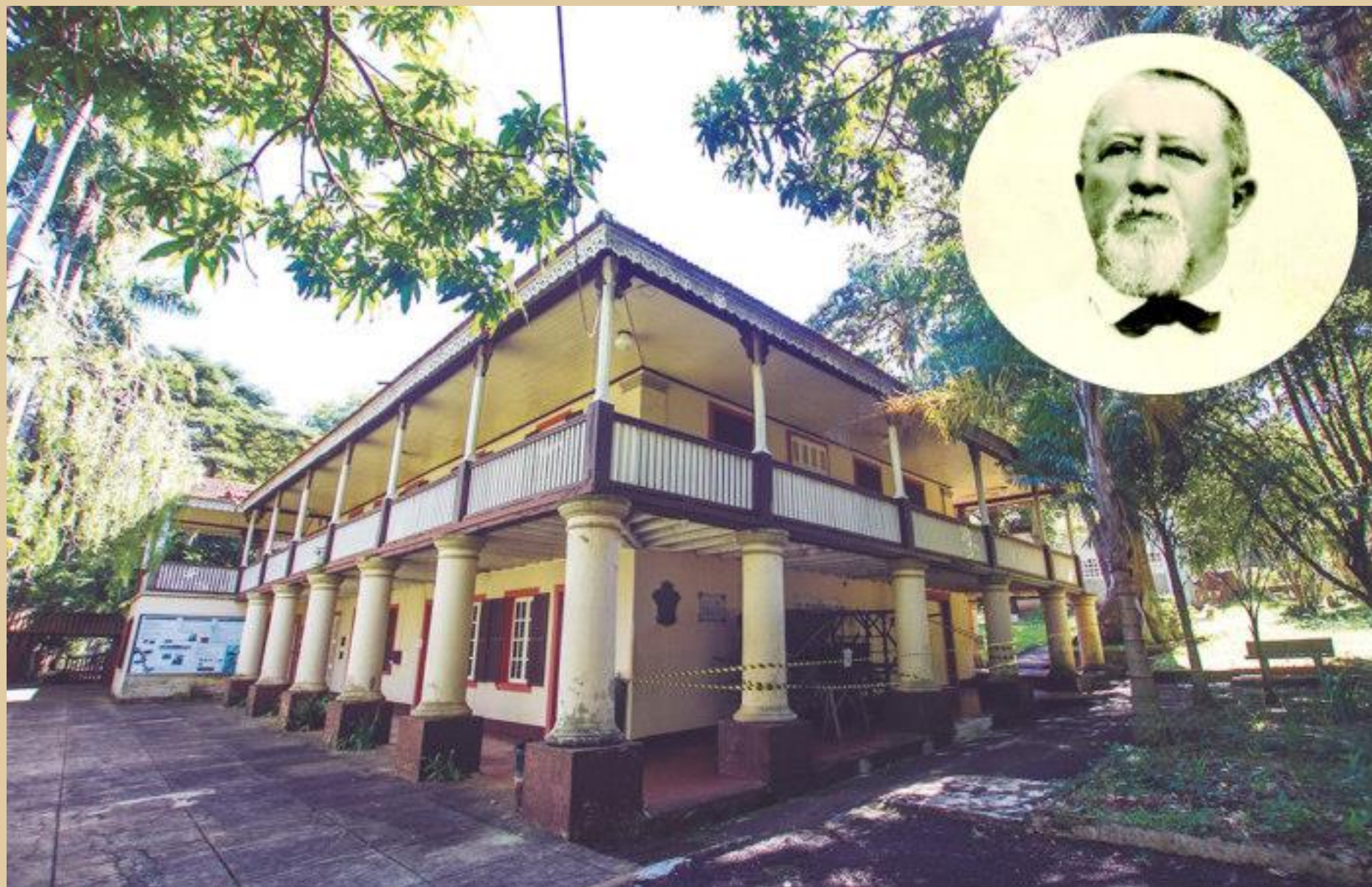
Peroba-rosa

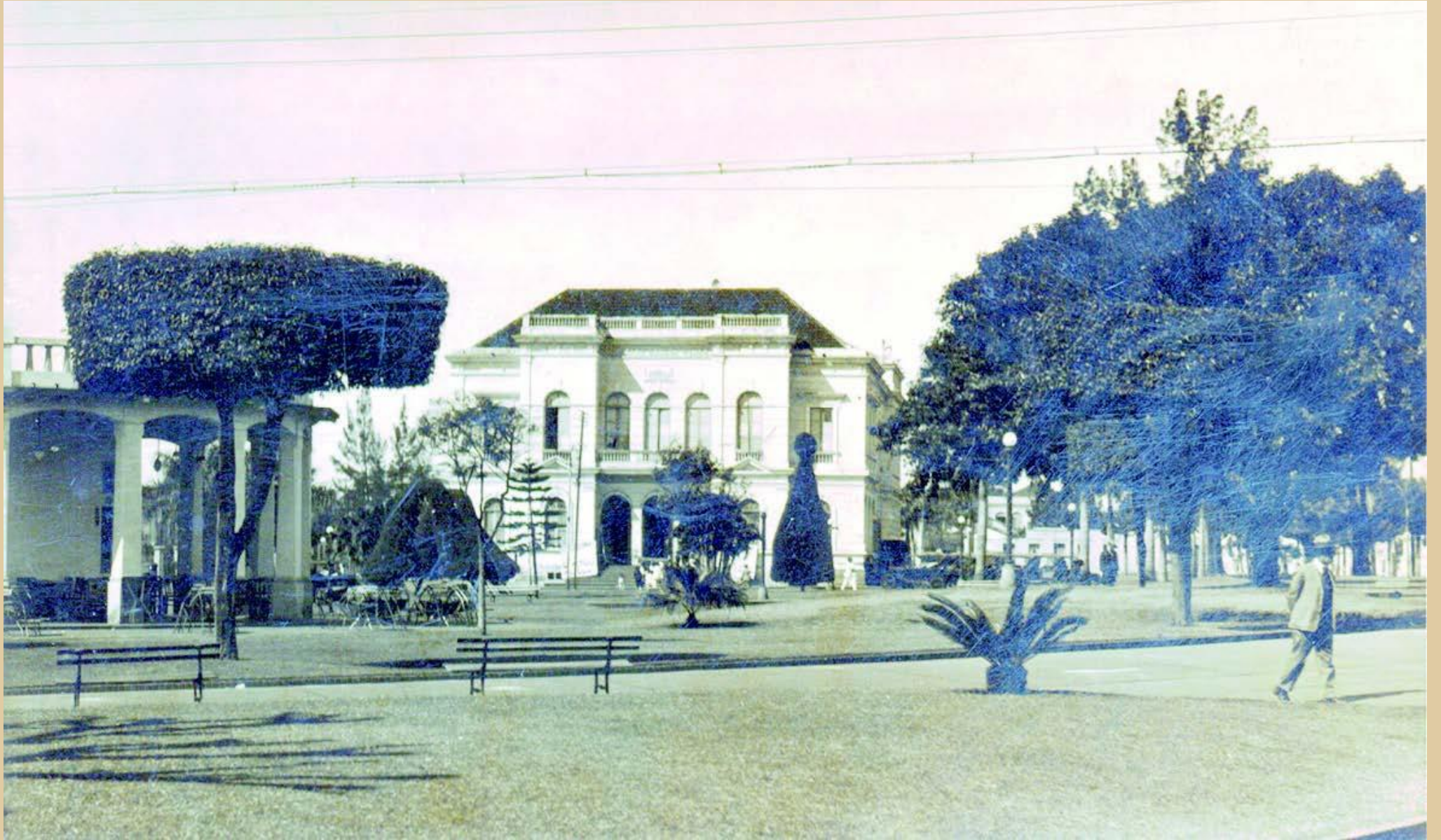


Vista do córrego Retiro Saudoso. A médio plano, conjunto de edifícios e, ao fundo, a mata do Morro do Cipó (atual Bosque Municipal Fábio de Sá Barreto). Data: início da década de 1900. Foto: João Passiq.



Francisco Schmidt, data e autor ignorados).





Era uma vez...





Escola Profissional Mista, futura Escola Profissional José Martiniano da Silva, fachada e lateral do prédio, na rua Visconde de Inhaúma, atual rua Tamandaré. Data: 1927.

Foto: Rainero Maggiori.



Vista do local onde está localizado, atualmente, o Mirante do Bosque Municipal Fábio Barreto. Data: início da década de 1940. Foto: Sebastião de Carvalho Leme.

*Fábio de Sá Barreto,
em pé, no centro
de terno claro,
caminhando junto a
um grupo de pessoas
numa alameda do
Bosque Municipal.
Data: 1944/1948.
Foto: fotógrafo não
identificado.
Fonte: Arquivo
Público e Histórico de
Ribeirão Preto.*





Vista do local do Mirante em que é possível ver em primeiro plano parte da vegetação da área e, ao fundo, o centro da cidade. Data: década de 1940. Foto: Foto Esporte.



FIGURA 21

Vista aérea do centro da cidade. Ao fundo, na parte superior esquerda da foto, é possível ver a mata do Bosque Fábio Barreto. No alto do morro de São Bento é possível ver a estátua do Cristo, o longo prédio horizontal do Mosteiro de São Bento e, na parte baixa do morro, a cúpula do ginásio Gavino Virdes, parte da Cava do Bosque.
Data: década de 1950. Foto: Foto Esporte. Fonte: Arquivo Público Histórico de Ribeirão Preto.



Santuário das Sete Capelas, vista parcial. Obras da construção das três primeiras capelas. Data: 1940/1950. Estúdio fotográfico: Foto Postal Colombo



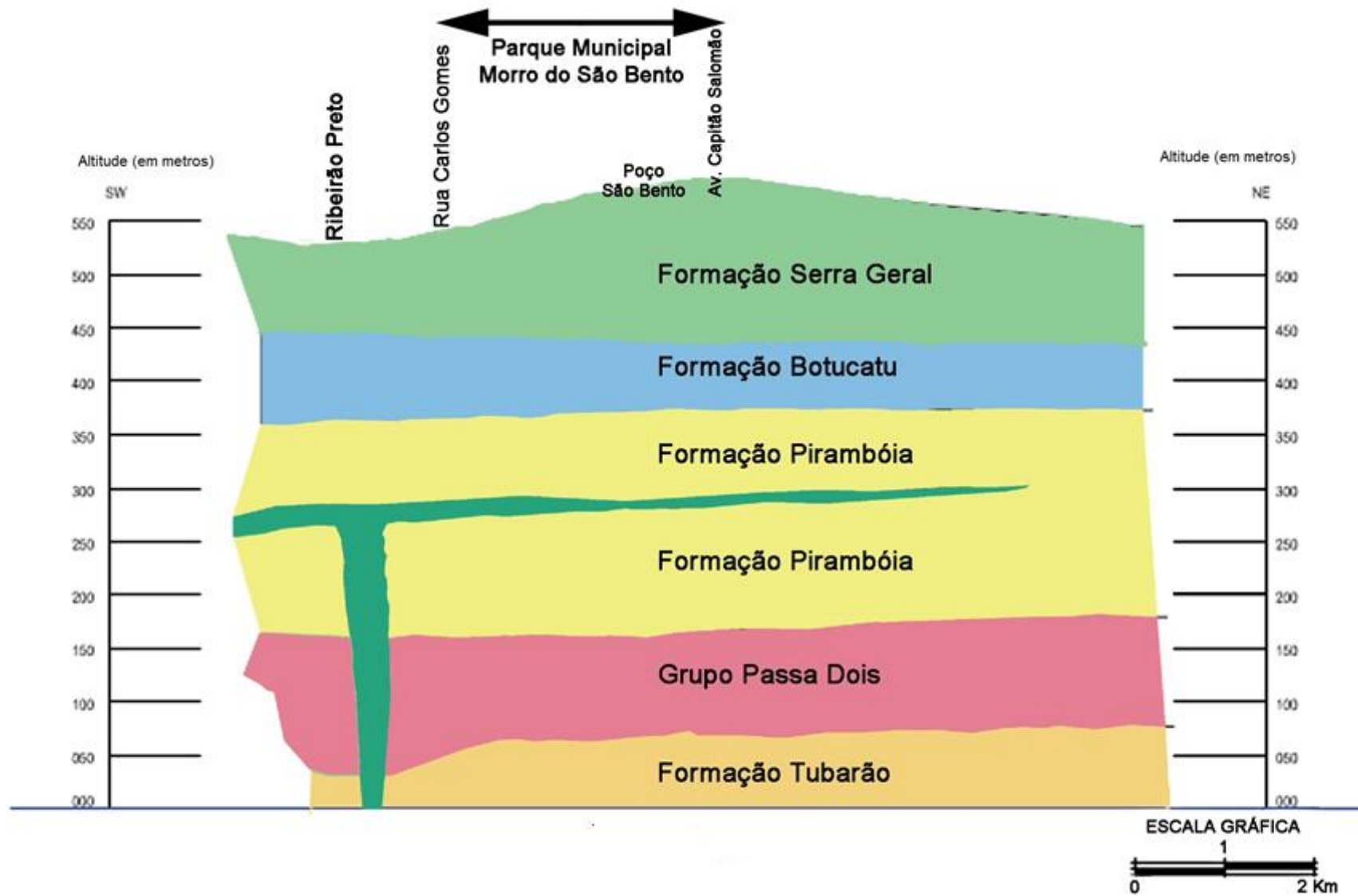
Vista de alameda próxima à portaria da rua Liberdade. Ao centro, um dos quiosques espalhados pelo Bosque. Data: 1940/1950. Foto: Foto Postal Colombo - São Paulo.



FIGURA 17

*Parque Infantil Amélia Junqueira, no Bosque Municipal.
Grupo de professoras e funcionárias nas escadas em frente ao prédio.*

Data: setembro de 1961. Foto: Foto Miyasaka. Fonte: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto.

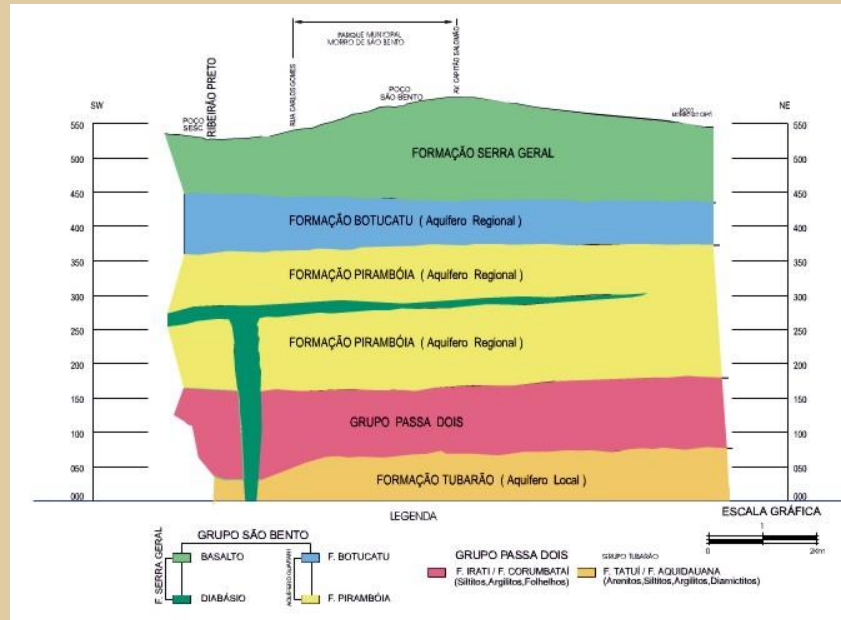




Corte no basalto



Explica o ambiente













Base da
encosta do
Mirante, na
rua Camilo
de Matos.



*Gigantes do
Bosque*

ÁRVORES DO PARQUE MUNICIPAL DO MORRO DE SÃO
BENTO



CARACTERÍSTICAS MORFOLÓGICAS

Altura: 30 a 40 m, podendo atingir até 50 m.

Tipo de copa: Globosa, alta e densa.

Tronco: Tronco cilíndrico, característico, revestido por casca espessa, escura, com sulcos verticais profundos. Diâmetro de 60 a 120 cm.

Folhas: Simples, alternas, com 6 a 12 cm de comprimento por 3 a 6 cm de largura, com borda serrada. As folhas novas apresentam coloração avermelhada. Planta semidecídua.

Flores: Pequenas, com cerca de 1 cm de diâmetro, esbranquiçadas, reunidas em inflorescências terminais, tipo panícula densa, com 3 a 6 cm de comprimento. A floração ocorre de outubro a dezembro.

Frutos: Denominados pixídeos, são lenhosos, secos, com cerca de 10 cm de comprimento, com abertura espontânea. São popularmente conhecidos como "pito de macaco". Apresentam borda denteada. As sementes são pardas, aladas e medem cerca de 4 cm de comprimento por 1 cm de largura. Cada fruto abriga aproximadamente 23 sementes. A maturação dos frutos ocorre nos meses de julho e agosto.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Ocorre no Brasil, Peru, Bolívia e Paraguai. No Brasil, ocorre no Acre, Mato Grosso do Sul, Goiás, Bahia até o Rio Grande do Sul. Nativa no Parque Municipal do Morro de São Bento.

CURIOSIDADES

- É uma das maiores árvores do Brasil. A palavra "jequitibá" é originária do termo tupi *yekiti' bá*, que quer dizer "gigante da floresta".
- Possui madeira moderadamente pesada (densidade 0,78 g/cm³), pouco durável sob condições naturais. Usada na construção civil apenas em obras internas.
- As flores são muito perfumadas e se abrem pouco antes do nascer do sol. A polinização é feita por abelhas e outros insetos.
- Os frutos são popularmente utilizados para a confecção de cachimbos e para artesanato.
- Ao abrir, o fruto libera as sementes aladas que são dispersas pelo vento. A árvore produz anualmente pequena quantidade de sementes viáveis.
- Suas sementes são avidamente consumidas por macacos.
- A árvore possui qualidades ornamentais, entretanto, devido ao seu grande porte, é apenas recomendada para o paisagismo de parques e grandes jardins.
- No Estado de São Paulo a espécie é considerada quase ameaçada de extinção.

Foto: Marcelo Pereira



Nome científico:

Cavendishia esmeralda (Raddi) Kuntze

Nomes populares:

jequitibá, jequitibá-rei

Família:

Lucythaceae



Jequitibá-branco

Cariniana estrellensis

10 cm



Fruto

Opérculo



Sementes

6 mm

Folha



Flor

1 cm





CARACTERÍSTICAS MORFOLÓGICAS

Altura: Até 35 m.

Tipo de copa: Globosa e ampla.

Tronco: Cilíndrico e reto, com até 80 cm de diâmetro. A casca mede até 11 mm de espessura, amarelada, lisa e pulverulenta. Odor desagradável.

Folhas: Alternas, grandes (10 a 20 cm), bipinadas, com 8 a 14 pares de folíolos compostos por numerosos folíolos pequenos e verdes-escuros medindo de 2 a 5 mm. Planta decídua.

Flores: Pequenas, branco-amareladas, perfumadas, reunidas em capítulos de 1 cm de diâmetro, pedunculados, que formam panículas terminais ou laterais. Floresce de outubro até janeiro.

Frutos: Vagem achatada, castanha, com 5 a 10 cm comprimento por 1 a 2 cm de largura, com 5 a 10 sementes ovaladas, de cor castanho-clara. A maturação ocorre nos meses de setembro a outubro com a planta totalmente desprovida de folhas.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA:

Ocorre em vários países da América Central e do Sul. No Brasil, é encontrada naturalmente em São Paulo, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais e Goiás, na Floresta Estacional Semidecídua da Bacia do Paraná. Nativa no Parque Municipal do Morro de São Bento.

CURIOSIDADES

- O nome popular “farinha-seca” se deve à casca pulverulenta que, quando tocada, solta fragmentos semelhantes a farinha.
- Apresenta crescimento rápido.
- Espécie colonizadora, comum em pastos e áreas abertas. Não se desenvolve em ambientes sombreados.
- A altura e o formato da copa, bem como a folhagem verde-escura, **feazem** dela uma espécie bastante ornamental.
- A madeira é leve (densidade **0,75g/cm³**), macia ao corte, pouco compacta, de baixa resistência ao ataque de organismos xilófagos. É empregada apenas para forros, caixotaria e confecção de objetos leves, como brinquedos, lápis, etc.
- As sementes apresentam viabilidade mesmo após 8 meses de armazenamento. Elas também são muito leves. Um quilo contém cerca de 36.000 unidades.
- As raízes são ricas em saponinas. A casca fervida pode ser utilizada para amenizar a dor de picadas de escorpião.

Foto: Marcelo Pereira



Nome científico:

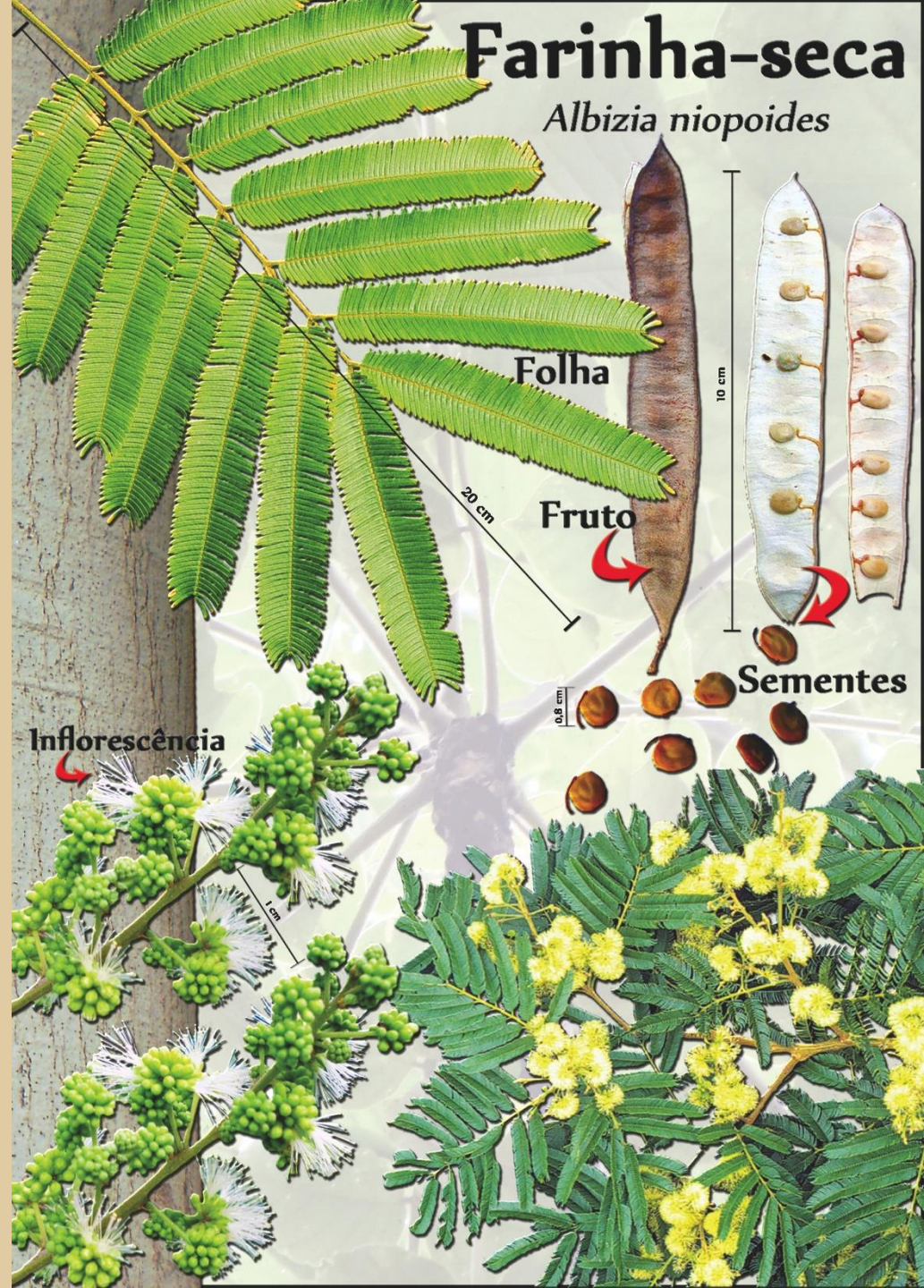
Albizia niopoides
(Spruce ex Benth.) Burkart.

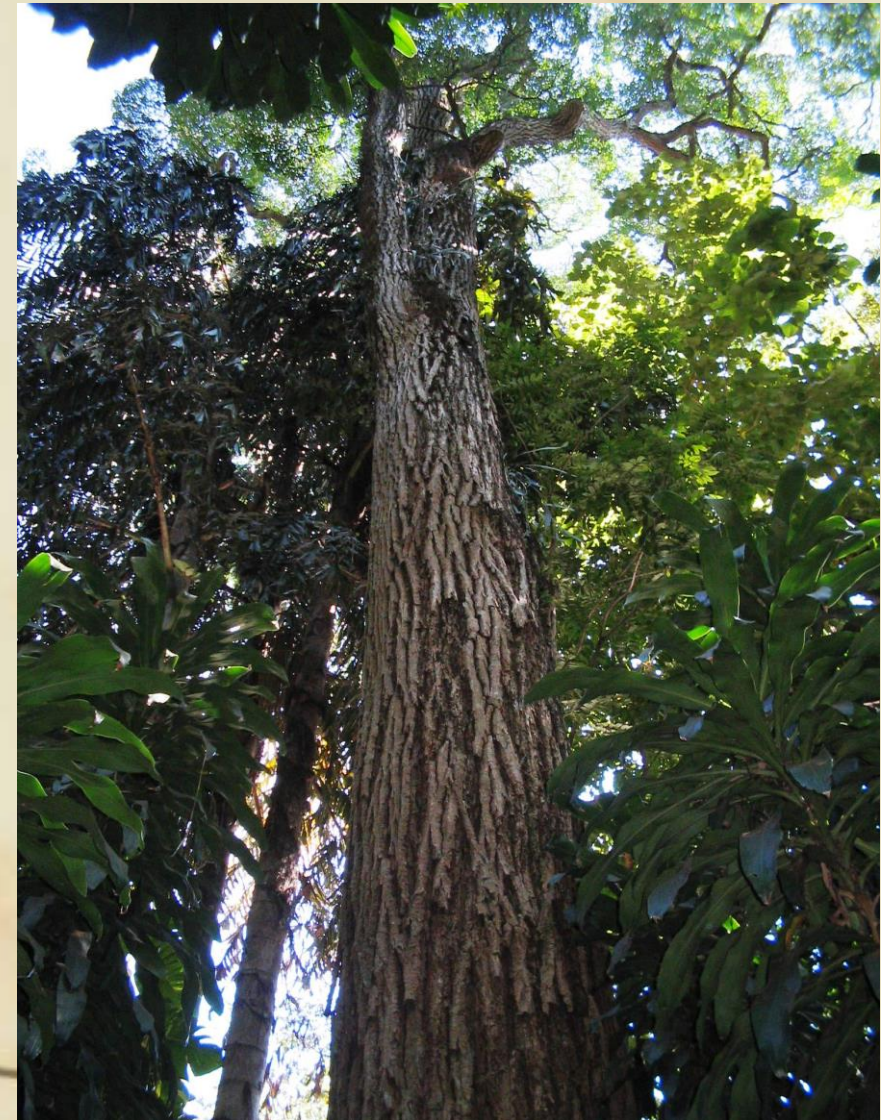
Nomes populares:

angico-branco, frango-assado

Família:

Fabaceae-Mimosoideae







Peroba-rosa

Aspidosperma polyneuron

CARACTERÍSTICAS MORFOLÓGICAS

Altura: 20 a 30 metros, podendo atingir até 50 metros.

Tipo de copa: Globosa e ampla.

Tronco: Cilíndrico, ereto, revestido por casca grossa, áspera, profundamente fissurada longitudinalmente, de coloração clara, com 60 a 90 cm de diâmetro, podendo atingir 390 cm.

Folhas: Simples, lisas, lustrosas na face superior e com muitas nervuras paralelas, medindo 5 a 12 cm de comprimento e 2 a 4 cm de largura. Apresenta ramos jovens trifurcados, o que facilita a identificação da espécie. Exsudam um líquido leitoso de cor branca quando cortadas. Planta perenifólia.

Floração: As flores, pequenas, branco-amareladas a bege, são reunidas em inflorescência terminais curtas, 1 – 6 cm de comprimento, formadas por numerosas flores e pouco visíveis. O florescimento ocorre nos meses de outubro e novembro.

Frutos: Folículos deiscentes, densamente recobertos por lenticelas. Medem cerca de 4,5 cm de comprimento e amadurecem entre os meses de agosto e setembro. As sementes possuem alas e medem cerca de 3 cm de comprimento.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Ocorre na América do Sul, da Venezuela e Colômbia até a Argentina. No Brasil, ocorre na Catinga, Cerrado e Mata Atlântica, da Bahia ao Paraná. É característica da Floresta Estacional Semidecídua da Bacia do Paraná. Nativa no Parque Municipal do Morro de São Bento.

CURIOSIDADES

- Podem viver por até 500 anos. No Bosque Fábio Barreto, existem dois exemplares que possuem cerca de 300 anos. São as mais antigas do parque.
- Devido a danos ocorridos na base do tronco, uma das árvores tricentenárias passou por tratamento e recebeu estaiamento por meio de cabos de aço.
- É uma árvore que ocorre preferencialmente em solos profundos e férteis.
- A casca interna apresenta uma cor rosa intensa, vindo daí o nome popular peroba-rosa. Também apresenta sabor amargo, de onde vem seu outro nome popular, peroba-amargosa.
- Produz grande quantidade de sementes, porém somente a cada dois ou quatro anos.
- A madeira é moderadamente pesada (densidade 0,83 g/cm³). É muito apreciada na construção civil e na confecção de móveis pesados.
- A espécie é considerada ameaçada de extinção pela União Internacional para a Conservação da Natureza e dos Recursos Naturais. A principal ameaça é a exploração da madeira.

Foto: Marcelo Pereira



Nome científico:

Aspidosperma polyneuron Mill. Arg

Nomes populares:

peroba, peroba paulista, peroba amargosa

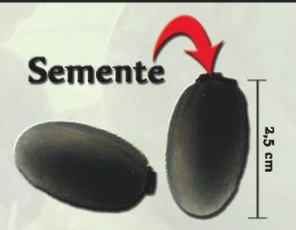
Família:

Apocynaceae



Chichá

Sterculia apetala



Semente

2,5 cm



Fruto

6 cm



Folha

20 cm



Flor

3 cm

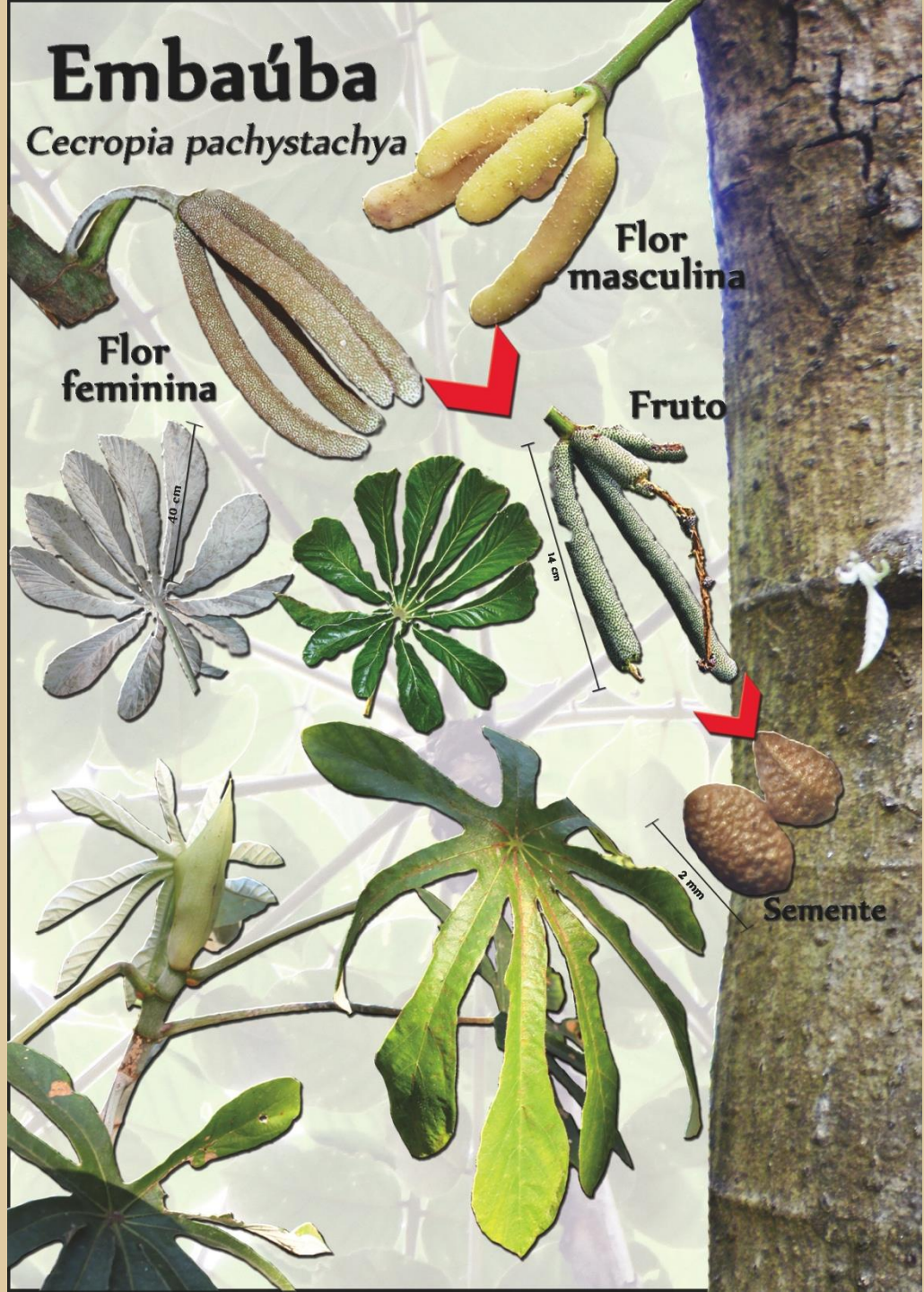


Inflorescência



Embaúba

Cecropia pachystachya



Flor masculina

Flor feminina

Fruto

Semente

40 cm

14 cm

2 mm